



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

SAMANTA ESTEVES NAGEM

**Entre o grau zero da escrita e o neutro:
A utopia da linguagem em Roland Barthes**

Artigo produzido como resultado de Iniciação Científica desenvolvida junto ao Departamento de Letras Modernas da FFLCH com financiamento do CNPq.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Amigo Pino

São Paulo

2019

Samanta Esteves Nagem

**Entre o grau zero da escrita e o neutro:
A utopia da linguagem em Roland Barthes**

Artigo Científico

São Paulo

2019

RESUMO

O presente artigo científico tem como objetivo apresentar a parte final da Iniciação Científica realizada sobre a concepção da utopia de linguagem em Roland Barthes e sua relação com a noção de *Neutro*. Para isso, busca mostrar as relações de sentido feitas entre *O grau zero da escritura* e *O neutro* à luz de comentadores da obra barthesiana que estudam a concepção de linguagem proposta por Barthes, a saber: Jean-Claude Milner, Bernard Comment, Rodrigo Fontanari e Leda Tenório da Mota.

Palavras-chave: Barthes, utopia, linguagem, grau zero, neutro, forma

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender a concepção de utopia da linguagem de Roland Barthes, traçando a hipótese de possível convergência entre o conceito de grau zero e o neutro barthesiano. Nesse percurso, discute-se em que medida Barthes realiza no seminário a utopia de linguagem que vincula moral e forma anunciada na obra d'*O grau zero da escritura*.

Para tanto, refaz-se o panorama teórico de Roland Barthes, comentando as principais obras que fazem referência ao fenômeno de grau zero e de neutro para, depois, refletir sobre as relações possíveis entre a concepção de linguagem barthesiana e as formulações teóricas de Jean-Claude Milner, Bernard Comment, Jacques Rancière, Rodrigo Fontanari e Leda Tenório da Mota, respectivamente.

Em um primeiro momento, percorre-se a trajetória ensaística barthesiana em *Aula, O grau zero da escritura, Elementos de Semiologia e O neutro* a fim de compreender em que medida Barthes pensa a faceta utópica da literatura como ponto de fuga para onde converge a maior parte de suas reflexões acerca da linguagem. Embora sua afirmação de que a língua é fascista date de 1979, é possível perceber que a problemática o acompanha desde o início de sua trajetória intelectual, na qual reflete sobre o sistema assertivo da língua enquanto condição de clausura em relação à qual apenas a literatura conseguiria fazer frente.

Em seguida, discute-se a obra *Le pas philosophique de Roland Barthes*, de Jean-Claude Milner, a fim de mostrar em que sentido a noção de *Neutro* é elevada por Barthes à categoria de ideia em uma perspectiva fenomenológica. Para isso, procura-se explorar a relação entre o Neutro e as formulações de Milner, buscando entender de que modo o conceito de neutro designa fenômenos que fogem à lógica cartesiana e rompem com a estrutura paradigmática e dicotômica da língua.

Logo após, debate-se acerca das proposições de *Roland Barthes, vers le neutre*, de Bernard Comment. A obra auxilia a pensar em que sentido o *Neutro* pode ser estudado enquanto chave de leitura capaz de agregar unidade e coerência ao projeto de linguagem barthesiano.

Finalmente, dialoga-se com Jacques Rancière a fim de pensar a utopia da linguagem enquanto política de escrita e partilha do sensível, na medida em que a escrita neutra pode ser entendida como “o encontro da letra órfã que pode ser apropriada pelo pobre e pelo anônimo no momento do encontro fulminante com fragmentos do infinito”. (RANCIÈRE, 1955).

1. O PERCURSO DE ROLAND BARTHES

O grau zero da escritura

Em *O grau zero da escritura e Aula*, Barthes entende a utopia da linguagem como estado em que o discurso finalmente descansaria da assertividade da língua, livrando-se da condição autoritária que obriga a dizer. Desse modo, a utopia da linguagem refere-se a um estado linguístico que concebe uma forma de enunciar em que a sociedade conseguiria descansar da cristalização desgastada de sentidos através do advento de uma linguagem livre.

O grau zero da escritura trata de uma seleção de ensaios críticos acerca do imbricamento entre literatura, linguagem e sociedade; *Aula* reproduz a apresentação de Barthes em ocasião da inauguração da cadeira de Semiologia Literária no Collège de France, em 1977. Ambas as obras apontam para a concepção de uma semiologia literária na qual Barthes se espelha para ver e se relacionar com o mundo.

Antes de transformar-se em assunto sobre o qual se fala, a literatura é tomada por Barthes como uma postura diante da vida que permite ao sujeito estar a salvo das agressões impositivas que impedem a prática da delicadeza, tão cara à literatura, de estar presente na existência comum e nas relações humanas.

Para Barthes, a língua é violenta na medida em que impõe uma estrutura sintática para dizer que, por vezes, não dá conta das sutilezas do que é dito. Para fugir a essa violência e não abdicar da leveza que o autor adota a literatura como prática e postura de vida. Nesse sentido, em “A palavra calma”, prefácio de *Roland Barthes plural*, Leyla Perrone-Moisés pondera:

A gentileza de Barthes era mais do que um dado temperamental ou um comportamento adquirido. (...) A gentileza é uma maneira de abrandar as relações humanas. Para Barthes, tudo passa pela linguagem, e esta, segundo ele, não é essencialmente gentil. (...) Como homem que via a linguagem, esses dois constrangimentos da língua sempre o desagradaram: a asserção e a repetição, a palavra autoritária e o estereótipo. (PERRONE-MOISÉS, p.7, 2017)

Dessa forma, *O grau zero da escritura e Aula* apontam para uma partilha do sensível pautada pela liberdade e possibilidade de realização de uma vida livre da estrutura paradigmática e cristalizada da *doxa*. Como partilha do sensível, entende-se uma experiência comunitária, uma forma comum de experienciar a realidade por um conjunto de pessoas que dividem não apenas tarefas, mas valores e sensibilidades em comum. Assim, ao entender a literatura enquanto utopia de linguagem, Barthes também está propondo outra partilha do comum, uma sociedade possível que tenha a delicadeza e a benevolência como princípios.

Em “Triunfo e ruptura da escritura burguesa”, segunda parte de *O grau zero da escritura*, Barthes mostra como a utopia da linguagem se vincula a um processo histórico, na medida em que cada uma das escrituras é fruto de uma época determinada no tempo e no espaço, ainda que traga consigo as marcas de formas de dizer anteriores. Segundo tal perspectiva, a burguesia foi capaz de criar uma escritura literária cuja unidade ideológica garantiu até determinado ponto uma visão harmoniosa do mundo que, posteriormente, começaria a ruir.

Nesse sentido, a obra de Barthes mostra como a escritura foi esfacelada na modernidade tardia, expressando o dilaceramento da consciência burguesa, período em que a burguesia passou da fase de consolidação revolucionária para uma fase reacionária em que as contradições sociais se intensificam, estilhaçando o modo anteriormente cristalizado de conceber o mundo e abrindo espaço a democratização da escrita.

Veremos, por exemplo, que a unidade ideológica da burguesia produziu uma escritura única e que nos tempos burgueses (isto é, clássicos e românticos), a forma não podia ser dilacerada, já que a consciência não o era; e que, pelo contrário, desde o momento em que o escritor deixou de ser uma testemunha do universal e tornou-se uma consciência infeliz (por volta de 1850), seu primeiro gesto foi escolher o engajamento da forma (...). A escritura clássica explodiu então e toda a Literatura de Flaubert até hoje, tornou-se uma problemática da linguagem. (BARTHES, p.118)

Partindo da hipótese que a enunciação burguesa encontra-se atualmente estilhaçada junto à consciência dilacerada do sujeito moderno, torna-se possível delinear o momento em que – na tentativa de escapar a sua fragmentação – a escritura passou a exprimir um texto escritural “incorpóreo”, calcado na ausência do signo; estados de escritura a que Barthes chama de “grau zero” ou “escritas brancas”:

(...) a escritura atravessou assim todos os estados de uma solidificação progressiva: primeiro objeto de um olhar, depois de um fazer, e enfim de um assassinio, ela atinge hoje um último avatar, a ausência: nas escrituras neutras, aqui chamadas de ‘o grau zero da escritura’, pode-se facilmente discernir o próprio movimento de uma negação e a impotência para realiza-lo numa duração, como se a Literatura, tendendo desde há um século a transmutar sua superfície numa forma sem hereditariedade, só encontrasse pureza na ausência de qualquer signo, propondo enfim a realização deste sonho órfico: um escritor sem Literatura. (BARTHES, p. 119)

Desse modo, a lógica interna do ensaio de Barthes aponta para o desenvolvimento de uma concepção da escritura neutra também denominada por Rancière como “escrita sem pai” que irá perfazer o processo de dilaceramento da consciência burguesa. Processo esse que só será efetivamente superado no momento em que a utopia da linguagem realizar-se em sua plenitude revolucionária e democrática por meio de uma transformação social capaz de romper com o paradigma fascista de funcionamento linguístico, no momento do advento da escritura branca.

Sendo eminentemente histórico, *O grau zero da escritura* vincula a utopia da linguagem a um estado revolucionário em que a sociedade ocidental realizaria o sonho da escritura em comunhão com a liberdade, espécie de partilha do sensível que tem o sistema literário como modelo. Nesse sentido, o grau zero da escritura revelaria o esforço pela do dilaceramento da consciência:

Existe, portanto, em toda escritura presente, uma dupla postulação: há o movimento de uma ruptura e o de um advento, há o próprio desenho de toda situação revolucionária, cuja ambiguidade fundamental é que a Revolução deve tirar daquilo que quer destruir a própria imagem do que quer possuir. Como arte moderna na sua totalidade, a escritura literária traz consigo, ao mesmo tempo, a alienação da História e o sonho da História: como Necessidade, ela atesta o dilaceramento das linguagens, inseparável do dilaceramento das classes: como Liberdade, ela é a consciência desse dilaceramento e o próprio esforço para ultrapassá-lo. (BARTHES, p. 167)

A linguagem utópica e a escritura branca, entretanto, não são exclusividades dos autores de vanguarda citados por Barthes em *O grau zero da escritura*. Em diversos momentos de seu percurso, o autor realiza em seu discurso operadores enunciativos capazes de recriar uma linguagem benevolente e livre de dilaceramentos que tenha a calma como ponto de fuga. Segundo Leyla Perrone-Moisés:

Barthes utilizava sempre operadores de linguagem destinados a tornar mais leve a enunciação: parênteses, aspas, incisivas (“quanto a mim”), sucessivos dois pontos na mesma frase para deixá-la em aberto etc. Assim, por sua reflexão e por sua prática, ele nos convidava a sermos atentos aos discursos, não apenas àqueles formulados pelos outros, mas sobretudo a nosso próprio discurso. Seu projeto de ensino era evidentemente uma utopia. (PERRONE-MOISÉS, p.8, 2017)

Como explicado, a obra em questão mostra em que medida o estado de grau zero da escritura trata-se de um imperativo relacionado ao desenvolvimento histórico das escrituras, necessidade temporal de superação do processo de alienação na linguagem perpetrado pela ideologia dominante designada pela *doxa*.

A utopia da linguagem

Em *O grau zero da escritura*, é possível mostrar como o advento de uma utopia linguística vincula-se ao processo histórico da sociedade humana, com suas contradições e lutas ideológicas, em busca de uma expressão capaz de libertar a linguagem de sua estrutura linguística intrinsecamente opressiva. Da mesma maneira, *Aula* faz-se relevante para compreender em que medida a abordagem política da utopia da linguagem deve ser feita não apenas no campo da ideologia, mas da forma; uma vez que a forma é também valor.

Tendo isso em vista, o acompanhamento da exposição-argumentativa barthesiana na *Aula* inaugural nos permite compreender a utopia da linguagem não apenas em seu caráter ideológico, mas também, e sobretudo, em seu aspecto formal. Para Barthes, a expressão

enunciativa realmente livre estaria vinculada a uma forma capaz de libertar o que é dito das relações de poder cristalizadas na estrutura da língua.

Entretanto, ao buscar um modo de expressão livre do campo de influência do poder, depara-se com uma contradição ou impossibilidade não delineada em *O grau zero da escritura* e que, em *Aula*, aparece como problemática, a saber: o caráter inerentemente fascista da língua.

Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer. Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Nela, infalivelmente, duas rubricas se delineiam: a autoridade da asserção, o gregarismo da repetição. (BARTHES, 1977, p.14)

Neste momento, delineia-se o impasse desvelado em todo processo escritural que tem a liberdade como devir, uma vez que a linguagem – pela razão mesma de sua estrutura – entra sempre a serviço de um poder. Em relação a isso, afirma Barthes:

Na língua, portanto, servidão e poder confundem-se inelutavelmente. Se chamamos de liberdade não só a potencia de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem. Infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado. Só se pode sair dela pelo preço do impossível. (BARTHES, 1977, p.14)

Barthes pensa a literatura a partir do mecanismo de funcionamento da “função utópica” que – embora esteja presente em quase todos os discursos literários – pode ser encontrada em realce em um tipo específico de escrita modernidade, conhecida como escritura branca, que remete ao ideal do neutro. Essa função utópica é uma forma de partilha do sensível que pressupõe também uma utopia de linguagem e, portanto, de sociedade:

Essa função, talvez perversa, portanto feliz, tem um nome: é a função utópica. Reencontramos aqui a História. Pois foi na segunda metade do século XIX, num dos períodos mais desolados da infelicidade capitalista, que a literatura encontrou (...) sua figura exata: a modernidade – nossa modernidade, que então começa – pode ser definida por este fato novo: nela se concebem utopias de linguagem. (BARTHES, 1977, p.14)

Assim, compreende-se em que medida os processos históricos estão vinculados à linguagem através de uma história da escritura que se desenvolve em direção à utopia da linguagem. Nesse sentido, “Mudar a língua, expressão mallarmeana, é concomitante com ‘Mudar o mundo’, expressão marxiana” (BARTHES, p.23, 2007).

Desse modo, é possível afirmar que a utopia da linguagem barthesiana está vinculada a um ideal ético de marco civilizatório em que a língua deixa de estar a serviço de um poder para – finalmente – estar à serviço da humanidade, demonstrando que a perspectiva política, afinal, está inelutavelmente vinculada à faceta utópica do fenômeno literário e linguístico.

Pouco a pouco, Barthes delinea em que consiste as técnicas linguísticas perpetradas pelos discursos que miram a função utópica da linguagem; técnicas essas que mobilizam deslocamentos capazes de desviar o discurso da estrutura cristalizada da língua, buscando um horizonte anárquico em que a língua se rebela contra os signos, joga com eles, tencionando destruí-los. Tais técnicas correspondem a procedimentos linguísticos capazes de subverter a significação e tornar a enunciação mais leve, como será possível observar ao longo deste artigo de maneira mais atenta.

Não há outra saída para esse autor senão o deslocamento – ou a teimosia – ou os dois ao mesmo tempo. Teimar quer dizer afirmar o irreduzível: o que, nele, resiste e sobrevive aos discursos tipificados que o cercam. (...) teimar quer dizer, em suma, manter ao revés e contra tudo a força de uma deriva e de uma espera. E é precisamente porque ela teima, que a escritura é levada a deslocar-se. (BARTHES, p.25/26).

Elementos de semiologia

Em relação a *Elementos de semiologia*, tem-se a sistematização do quadro teórico exposto com base no entendimento semiológico barthesiano. A obra – que em verdade não passa de anotações de aulas sistematizadas por Barthes – pode ser vista como um apoio à compreensão dos elementos semiológicos que envolvem o sistema de expressão linguística que a linguagem utópica vem desmontar.

Tem-se a hipótese de que uma das maneiras para realizar os discursos da função utópica da linguagem é vinculado à mobilização dos processos de neutralização perpetrados por escrituras “neutras”. Para entendê-los, faz-se necessário, portanto, mostrar como funcionam os mecanismos linguísticos capazes de neutralizar o sistema.

Por isso, é necessário ater-se ao sistema a fim de entendê-lo de maneira correta. Segundo Barthes, o sistema linguístico é formado por paradigmas, o que significa dizer que a língua trabalha com oposições e similaridades capazes de calcar paradigmas que embasam o processo de significação das palavras:

O sistema constitui o segundo eixo da linguagem. Saussure o viu sob forma de campos associativos, uns determinados por uma afinidade de som (ensinamento, armamento, outros por uma afinidade de sentido (ensinamento, educação) (...). Os termos do campo ou paradigma devem ao mesmo tempo ser semelhantes e dessemelhantes, comportar um elemento comum e um elemento variante: é o caso, no plano significante, de ensinamento e armamento e, no plano do significado, de ensinamento e educação. Esta definição dos termos em oposição parece simples; levanta, no entanto, um problema teórico importante; o elemento comum aos termos de um paradigma figura, de fato, como elemento positivo (não diferencial). (BARTHES, p.74/75)

A leitura atenta da obra permite observar em que medida o sistema paradigmático funciona através da mobilização de oposições para que determinado termo consiga ser decodificado. Partindo dessa consideração, pode-se compreender como as escrituras neutras, nesse sentido, são assim designadas justamente por neutralizar tais oposições, desmontando a lógica paradigmática que impera no sistema da língua.

Para dar conta dos principais fatos de sistema, resta dizer duas palavras acerca da neutralização; este termo designa, em linguística, o fenômeno pelo qual uma oposição pertinente perde sua pertinência, isto é, deixa de ser significante. De modo geral, a neutralização de uma oposição sistemática produz-se sob efeito do contexto: é, pois, de certo modo, o sintagma que anula o sistema. (BARTHES, p.86)

Os processos de neutralização, longe de ocorrerem apenas nos discursos literários, estão presentes também em outros campos discursivos, como por exemplo o da moda que, com frequência, estabelece dois significantes para um só significado. Tendo isso em vista, percebe-se que a neutralização por si só não é capaz de instaurar a função utópica, na medida em que a moda não necessariamente está comprometida com a liberdade.

Finalmente, é possível compreender que a neutralização só está à serviço da libertação da linguagem quando a escritura for capaz e mobilizar a neutralização no campo do discurso, como será visto no seminário *O neutro*, momento em que Barthes mobiliza a neutralização no campo do discurso através de figuras estilísticas que remetem a um ideal em que a linguagem descansa do império dos sentidos dicotômicos.

O neutro

Como observado, a última produção a ser tratada diz respeito ao seminário *O neutro* ministrado por Roland Barthes, seminário este que tem relação com toda a problemática levantada acima. Trata-se de um exercício estilístico-criativo em que Barthes mobiliza figuras capazes de exemplificar seu ideal de neutro.

As figuras, que abalam a estrutura do sistema linguístico, impedem a cristalização paradigmática dos significados, criando metáforas que cintilam a esperança de uma linguagem branca ou inocente, distante de toda sorte de arrogâncias que há muito fossilizaram a expressão humana.

Para fins de exemplificação, observa-se como Barthes mobiliza o ‘silêncio’ como figura capaz de instaurar o neutro. Nesta figura, o autor mostra como o silêncio constitui um caráter paradoxal na medida em que, por um lado, burla o paradigma e, por outro, é recuperado como signo. De toda forma, o silêncio interessa pela esquiwa que instaura em relação ao paradigma do

sentido, momento em que Barthes remete ao que já havia sido formulado em *O grau zero da escritura*:

Encontramos aqui um processo que já me impressionou em *O grau zero da escritura* e que a partir de então tornou-se ideia fixa: o que é produzido contra os signos, fora dos signos, o que é produzido expressamente para não ser signo é bem depressa recuperado como signo. É o que ocorre com o silêncio: quer-se responder ao dogmatismo (sistema pesado de signos) com alguma coisa que burle os signos: o silêncio. Mas o próprio silêncio assume a forma de imagem, de postura mais ou menos estóica, “sábia”, heroica ou sibilina: é uma pose – fatalidade do signo (...) (BARTHES, p.58)

Como laboratório que é, o fichamento do curso não é capaz de esquematizar o sentido do neutro, uma vez que a forma fragmentária com que é proferido impede qualquer tipo de sistematização teórica, ainda que o neutro se mostre em todas as figuras enquanto modos expressivos de suspensão do juízo, em que a linguagem alcança um tipo de *satori*: compreensão que assemelha-se a um tipo de iluminação desprovida de oposições.

O ideal de neutro pode ser visto, portanto, como um momento em que ocorre a suspensão da estrutura paradigmática da língua, revelando, de certa forma, uma neutralização no plano da significância que impede o sentido de se fixar. Na falta de sistematização, Barthes oferece, na seção “Argumento”, uma abordagem capaz de mostrar com mais nitidez de que forma o ideal do neutro impede o paradigma de consolidar:

Defino o Neutro como aquilo que burla o paradigma, ou melhor, chamo de neutro tudo o que burla o paradigma. Pois não defino uma palavra; dou nome a uma coisa: reúno sob um nome, que aqui é Neutro. Paradigma é o quê? É a oposição de dois termos virtuais dos quais atualizo um, para falar, para produzir sentido (...) o paradigma é o móbil do sentido; onde há sentido, há paradigma, e onde há paradigma (oposição) há sentido. (BARTHES, p.17)

Desse modo, pode-se concluir que ao mobilizar escrituras neutras ou discursos pautados pelo ideal do ‘neutro’, burla-se também o próprio sentido tal qual é concebido na sociedade ocidental. Portanto, o ideal de neutro surge como a tentativa de uma articulação estrutural que não esteja calcada no sistema paradigmático, o que é também uma forma de conceber um novo sistema.

2. O PROJETO POLÍTICO BARTHESIANO

O passo filosófico de Roland Barthes

A princípio, a leitura de *Le pas philosophique de Roland Barthes*, de Jean Claude Milner, auxiliou a pensar em que medida a noção de Neutro pode ser entendida enquanto categoria de ideia. De acordo com Milner, Barthes com frequência transforma adjetivos na em substantivos, utilizando-os como conceito, assim como faz com o *Obtuso* e – especialmente – com o *Neutro*.

Dans l'effet-Barthes, la majuscule pare a ces hésitations. Elle force l'identité à soi du référent, em la nouant à l'unicité de l'Idée. Invité à ralentir, le lecteur comprend désormais pourquoi; c'est qu'il doit prendre garde qu'il a affaire à de l'Un. À chaque occurrence du mot, le lecteur saura tout à la fois qu'il s'agit de l'Idée et du retour de l'Idée, infiniment identique à soi. Un usage, en lui-même ordinaire, de l'article reçoit ainsi de la majuscule une univocité nouvelle. (...) Comparable à la majuscule des noms propres, elle distingue un référent unique et en souligne l'identité à soi, maintenue dans la multiplicité indéfinie des apparitions lexicales; elle souligne du même coup que ce référent unique est une Idée. (MILNER, 2003, p. 16-17)¹

Essa questão é importante, na medida em que mostra de que forma Barthes mobiliza alguns nomes para dar corpo a ideias que não foram nomeadas pelo sistema linguístico. Ao falar do Neutro, dessa maneira, Barthes cria uma categoria para dar conta de diversos fenômenos sensíveis à margem do sistema de significação, como o silêncio e a delicadeza. Segundo o autor, o neutro está “onde a ideia de uma criação estrutural desfaça, anule ou contrarie o binarismo implacável do paradigma, recorrendo a um terceiro termo”.

Nesse sentido, o ensaísta faz referência a diversas figuras que remetem entre si a uma ideia de existência neutra capaz de romper com o paradigma fascista da língua, que nos obriga a existir em um sistema de elementos que se excluem. Nesse sentido, a operação intelectual que transforma o neutro em conceito é também uma operação filosófica de ordem fenomenológica que conceitua fenômenos distintos que tem na característica de subversão do binarismo seu denominador comum.

A obra de Milner, portanto, tem a vantagem de revelar o Neutro como parte do sistema filosófico de Barthes que se por um lado diz não ter tido nenhum filósofo como guia; por outro, não deixou fazer do neutro um sistema filosófico que encontra na literatura sua imagem e semelhança.

Se, para Barthes, a literatura é o fenômeno linguístico que trapaceia a estrutura autoritária da língua, o Neutro é o fenômeno literário transposto em sistema filosófico às avessas. Tal operação permitiria ao neutro representar o sistema literário segundo o qual Barthes o entende, sistema esse calcado por uma ética da escolha certa:

Nossa mira, evidentemente, não é disciplinar: buscamos a categoria do Neutro que permeia a língua, o discurso, o gesto, o ato, o corpo, etc. No entanto, uma vez que nosso Neutro é buscado em relação ao paradigma, ao conflito, à escolha, o campo geral de nossas reflexões seria: a ética, o alhures do conflito do paradigma (...) Digo mais: uma reflexão sobre o Neutro, para mim: um modo de procurar – de modo livre – meu próprio estilo de presença nas lutas de meu tempo. (BARTHES, 2003, p.20)

¹ O efeito Barthes, a letra maiúscula oculta essas hesitações. Força a auto-identidade do referente, atando-o à singularidade da Idéia. Solicitado a desacelerar, o leitor agora entende por quê; ele deve ter cuidado com o fato de estar lidando com o Um. A cada ocorrência da palavra, o leitor saberá imediatamente que é a Idéia e o retorno da Idéia, infinitamente idêntica a si mesma. Um uso, por si só ordinário, do artigo recebe assim da letra maiúscula uma nova univocidade. (...) Semelhante às letras maiúsculas dos nomes próprios, distingue um único referente e enfatiza a identidade de si mesmo, mantida na multiplicidade indefinida das aparências lexicais; Ela enfatiza ao mesmo tempo que esse referente único é uma idéia. (MILNER, 2003, pp.16-17)

O excerto de Barthes revela, portanto, o *Neutro* como sistematização filosófica de um projeto político pautado pela ética da delicadeza, ética essa capaz de resistir a um mundo que cobra a todo momento um engajamento irrefletido que tende à *doxa* e à cristalização dos sentidos mobilizados pelo gregarismo da repetição intrínseco aos estereótipos.

Tendo isso em vista, percebe-se em que medida o *Neutro* opera em conceito a utopia da linguagem que move a trajetória intelectual de Roland Barthes desde o início de sua trajetória até o fim de seu percurso intelectual enquanto crítico e escritor. Dessa maneira, entrevê-se a realização do neutro como possibilidade de expressão de uma utopia a um só tempo existencial e linguística, uma vez que a existência é calcada na linguagem.

Tal qual o haikai, o *Neutro* insere no horizonte da utopia barthesiana o interesse por formas linguísticas que remetem a possibilidade de suspensão da “autoridade da asserção” e do “gregarismo da repetição”, libertando a existência da alienação inerente ao paradigma dicotômico da língua, que tende à cristalização de sentidos e à consolidação de dogmas.

Não a toa, uma das figuras mobilizadas por Barthes no seminário do neutro, o *satori*, está relacionada ao haikai. Para Barthes, o *satori* é justamente a suspensão do sentido conseguida através da experiência de vazio proporcionada pelo haikai. Segundo Perrone-Moisés, em posfácio a *Aula*:

Mas por que o haikai agora? Sobretudo, pela velha tenacidade de uma certeza barthesiana: o que faz sofrer a linguagem é a ideologia. Nossas línguas ocidentais estão cansadas de fazer sentido, em círculos semânticos viciosos e viciados. Chegamos a uma espécie de ingurgitamento, de engarrafamento semântico, em que os sentidos se engalfinham e se auto-anulam, numa situação histórico-discursiva que Barthes caracterizou de ‘infelicidade semântica’. (1977, p.91)

O neutro por vir

A leitura de *Roland Barthes: Vers le Neutre*, de Bernard Comment, foi de suma importância para a compreensão do Neutro enquanto fenômeno que representa a medida do projeto ético e estético barthesiano ao articular o conceito de *Neutro* a toda produção de Barthes.

Sendo assim, a obra de Comment nos permite entrever, através do conceito de Neutro, todo um projeto que coaduna moral e forma, buscando delinear as linhas gerais de uma utopia que enxerga o ideal de uma expressão futura que é também a busca a um só tempo revolucionária e sutil de uma partilha do sensível em que o neutro tenha lugar não só na literatura, mas na vida.

Nesse sentido, o *Neutro* é a busca pela realização da face utópica da linguagem, uma vez que, para Barthes, a existência só se realiza através da enunciação, já que não existe fora da língua e escapar da linguagem é impossível. Desse modo, a função do intelectual seria trapacear a estrutura da língua, calcando pela linguagem formas de dizer que, sob a hegemonia da *doxa* burguesa, não tem espaço para existir:

Tâche difficile et précaire, impliquant une contorsion toujours liée à l'impossibilité (ou presque) de sortir du langage par le langage. La fonction de l'intellectuel est de critiquer le langage bourgeois sous le règne même de la bourgeoisie; il doit être à la fois un analyste et un utopiste, figurer en même temps les difficultés et les désirs fous du monde; il veut être un contemporain historique et philosophique du présent. (...) Et comment se regarder autrement qu'en se parlant? ²(COMMENT, 2002, p.221)

Cabe dizer também que a utopia do neutro é inseparável da busca por outro modo de conceber a vida, onde as subjetividades não mais se veriam esmagadas pelo paradigma linguístico que as oprime. Nesse sentido, o projeto barthesiano perpassa uma dimensão política, na medida em que é através do neutro que o sujeito faria frente ao fascismo da linguagem que corrobora o autoritarismo do poder.

Assim, o *Neutro* pode ser lido como projeto político que encontra na reinvenção da expressão seu caráter engajado. Entretanto, o engajamento barthesiano não pode ser compreendido pela ótica marxista ortodoxa, embora com ela dialogue. Para Barthes, o engajamento reside principalmente no plano formal, uma vez que a forma também é capaz de comunicar pelo modo com o qual é concebida.

Comment produire une littérature "engagée" (un mot démodé mais dont on ne peut se débarrasser si facilement) sans recourir, si je puis dire, au dieu de l'engagement, ne serait-ce qu'à l'état de lucidité, autrement que comme une problématique sartrienne, mais aussi un appel à la dépasser. (...) Entre impuissance et transgression, entre inefficacité et utopie, le Texte et l'écrivain vont chercher le mode possible d'une action, la plus radicale qui soit. Par le choix même d'une forme, d'un ton, "d'un éthos, si l'on veut", l'écrivain prend position, singulièrement, dans le champ du discours, et par extension, dans celui du langage, là où toute société découpe et construit son réel. (COMMENT, 2002, p. 223)³

Em diversos momentos, Comment deixa em evidência em que medida a reinvenção do simbólico é uma tarefa política. Tarefa essa que não se confunde com um empreendimento radical de derrocada da estrutura da língua; trata-se, antes, de pressionar aos poucos a mudança do sistema simbólico através do plano formal. Essa alteração não acontece através da prática do terrorismo linguístico, mas por meio de movimentos sísmicos sutis perpetrados por figuras que ativam o Neutro, mobilizando no discurso espécie de satori capaz de suspender o sentido por breves instantes.

² Tarefa difícil e precária, envolvendo uma contorção sempre ligada à impossibilidade (ou quase) de sair da linguagem pela linguagem. A função do intelectual é criticar a linguagem burguesa sob o próprio domínio da burguesia; ele deve ser tanto um analista quanto um utópico, ao mesmo tempo, para representar os diiculdades e desejos loucos do mundo; ele quer ser um contemporâneo histórico e filosófico do presente. (...) E como parecer diferente do que falar um com o outro? (COMMENT, 2002, p.221)

³ Como produzir uma literatura "engajada" (uma palavra antiquada que você não pode se livrar tão facilmente) sem recorrer, se assim posso dizer, ao deus do compromisso, mesmo que apenas no estado de lucidez, caso contrário do que como um problema de Sartre, mas também um apelo para superá-lo. (...) Entre impotência e transgressão, entre ineficiência e utopia, o Texto e o escritor buscarão o modo possível de uma ação, o mais radical que é. Pela própria escolha de uma forma, de um tom, de um "ethos, se preferir", o escritor toma posição, singularmente, no campo da fala e, por extensão, no da linguagem, onde toda a sociedade corta e constrói seu real. (COMMENT, p. 2002/ 223)

Como explica o próprio Barthes, em entrevista de 1972, a única subversão possível em matéria de linguagem é deslocar as coisas a fim de retornar à linguagem de forma modificada, subvertendo-a a partir dela mesmo. De acordo com o ensaísta, a linguagem burguesa permeia todos os espaços sociais e, por isso, não há meios de inventar outro sistema linguístico de imediato, já que a estrutura da língua burguesa é a única disponível e é a partir dela que o intelectual ou o escritor deve partir para subverter a linguagem.

L'écrivain (celui qui écrit, c'est à dire qui dénie les limites obligatoires de sa propre langue) a la responsabilité d'un travail politique; ce travail ne consiste pas à "inventer" de nouveaux symboles, mas à opérer la mutation du système symbolique dans son entier, à retourner le langage, non à le renouveler. (...) Dans un entretien de 1972 pour *Les Lettres françaises*, le ton semble gagné un certain découragement: (...) La seule subversion possible en matière de langage est de déplacer les choses. La culture bourgeoise est en nous: dans notre syntaxe, dans la façon dont nous parlons, peut-être même dans une part de notre plaisir. Nous ne pouvons pas passer dans le non discours parce que le non-discours n'existe pas. (...) Barthes affirme la nécessité de subvertir et non de détruire. (COMMENT, 2002, p. 226/234)⁴

Dessa forma, as subversões propostas pelo Neutro são sutis, quase imperceptíveis, como o exercício da delicadeza, o emprego do silêncio, a prática da benevolência. A um primeiro momento, tais figuras parecem inofensivas; entretanto, é a elas a quem devemos a potência revolucionária do *Neutro*.

Barthes adverte acerca do perigo do discurso que se propõe revolucionário apenas do ponto de vista semântico. Para ele, esse discurso nada ou pouco pode fazer em busca da reinvenção da linguagem, na medida em que ignora o caráter valorativo da forma. Pretendendo-se revolucionário, este discurso concebe a necessidade de transformação da vida do ponto de vista do enunciado, mas não da enunciação, resultando num enunciado supostamente progressista, mas de forma reacionária.

Ao procurar um terceiro termo, o procedimento colocado em prática pelo *Neutro* opera a subversão da linguagem ao desmontar o binarismo paradigmático da língua que dita as regras das formas de dizer e de sentir. Quanto aos procedimentos de neutralização, é possível dizer que altera o mundo no momento em que faz emergir a terceira forma vazia, colapsando o sistema binário de fazer sentido, como mostra Fontanari em artigo que será comentado de forma mais atenta posteriormente:

⁴ O escritor (quem escreve, isto é, quem nega os limites obrigatórios de sua própria língua) é responsável pelo trabalho político; este trabalho não consiste em "inventar" novos símbolos, mas em operar a mutação do sistema simbólico como um todo, para devolver a linguagem, não para renová-la. (...) Em uma entrevista de 1972 para o *Les Lettres françaises*, o tom parece ser conquistado por um certo desânimo: (...) A única subversão possível em termos de linguagem é mover as coisas. A cultura burguesa está em nós: na nossa sintaxe, na maneira como falamos, talvez até em uma parte do nosso prazer. Nós não podemos entrar em não-fala porque a não-fala não existe. (...) Barthes afirma a necessidade de subverter e não destruir. (COMMENT, 2002, pp. 226/234)

“(…) Marty apressa-se a apontar que há, por detrás das várias nomenclaturas – grau zero e/ou Neutro – a procura de uma Terceira via que escape do modelo binário de criação de sentido, “esse terceiro termo que, no jogo articulatório da língua, refere-se, justamente, à possibilidade de interrupção da programatização”, conforme escreve Leda Tenório da Motta. (...) A possibilidade do Neutro irrompe nesse modelo quando se vê interpor, a partir da polaridade que existe entre dois termos, um terceiro – um termo zero ou Neutro. Isto é, um terceiro elemento que vem destramar o sentido que se estabelece a partir da relação binária que os termos mantinham no sistema anterior. (FONTANARI, p. 283/p.284)

Enquanto isso, os empreendimentos contestatórios que fazem uso de as palavras de ordem ingênuas não conseguem muito além de serem absorvidos na máquina de sentido que pensam atacar.

Ailleurs, dans le *Plaisir du texte*, Barthes reproche au discours destructeur (celui d’une certaine avant-garde) d’être “sémantique” et non “dialectique” et propose une “subversion subtile” qui esquiverait le paradigme pour chercher un troisième terme, non de synthèse on l’a vu, mais d’excès ou d’excentricité. Dans *Leçon*, c’est la naïveté de leur ton comminatoire qui est regrettée dans trop d’entreprises contestataires, lesquelles ne font jamais ainsi que participer (sur le mode de l’intimidation ou du contact frontal) à la machine du sens qu’elles croient attaquer. (COMMENT, 2002, p.235)⁵

O alerta de Barthes sobre o perigo da estratégia de confrontação visa evitar a arrogância por ele tão combatida ao longo dos anos. Sem dúvidas, o autor se coloca contra a doxa burguesa que cristaliza os sentidos, impedindo outras formas de dizer comprometidas com a vida em toda sua vitalidade. Entretanto, Barthes prefere o engajamento indireto através da trapaça e dos deslizamentos, das táticas sem estratégias que criam frestas por onde se pode respirar sem a atmosfera de sufocamento dos sentidos unívocos:

La frontalité, par sa violence, par son arrogance aussi, doit être attentivement évitée (car inefficace et dangereuse). D’autres gestes lui seront préférés. Ils pourraient esquisser ou définir autant de figures de la subversion, dont je choisis de donner un aperçu sous subversion, dont je choisis de donner un aperçu sous forme de catalogue (incomplet) plutôt qu’une théorisation, laquelle ne pourrait que manquer le caractère fugitif et multiple de ces tactiques sans stratégie en vue du Neutre. (COMMENT, 2002, p. 235)

Segundo Comment, Barthes adota procedimentos que visam subverter a linguagem por meio de seus próprios termos, isto é, partindo do discurso para melhor subvertê-lo. De acordo com esse ponto de vista, a tarefa do intelectual não é realizar a destruição do sistema linguístico tal qual foi concebido na sociedade de classes, uma vez que – para isso – seria necessário uma revolução. Assumindo a limitação intrínseca ao trabalho do intelectual, Barthes entende a decomposição da consciência burguesa sua tarefa por excelência, subvertendo-a no interior de seu discurso ideológico e reacionário.

⁵ Em outro lugar, no *Prazer do Texto*, Barthes censura o discurso destrutivo (o de uma certa vanguarda) de ser "semântico" e não "dialético" e propõe uma "subversão sutil" que evitaria o paradigma de procurar um terceiro termo. não sintética, como vimos, mas de excesso ou excentricidade. Na lição, é a ingenuidade de seu tom cominatório que é lamentado em muitos empreendimentos de protesto, que nunca o fazem e participam (no modo de intimidação ou contato frontal) com a máquina do significado que eles acreditam atacar. (COMO, 2002, p.235)

Décomposer. Admettons que la tâche historique de l'intellectuel (ou de l'écrivain) ce soit aujourd'hui d'entretenir et d'accentuer la décomposition de la conscience bourgeoise; cela veut dire que l'on feint volontairement de rester à l'intérieur de cette conscience bourgeoise, il faut s'en absenter, et cette exteriorité n'est possible que dans une situation révolutionnaire: en Chine, aujourd'hui, la conscience de classe est en voie de destruction, non de décomposition. (...) (COMMENT, 2002, p.236)⁶

Nesse processo de decomposição, o intelectual modifica o discurso à medida que modifica a si mesmo, subvertendo a própria enunciação e reinventando-se. Essa questão é essencial para compreender em que medida o sujeito transforma-se ao transformar a linguagem em uma dialética que altera a subjetividade através da enunciação.

Pour détruire, en somme, il faut pouvoir sauter. Mais sauter où? Dans quel langage? Dans quel lieu de la bonne conscience et de la mauvaise foi? Tandis qu'en décomposant, j'accepte d'accompagner cette décomposition, de me décomposer moi-même, au fur et à mesure: je dérape, m'accroche et entraîne. (COMMENT, 2002. P/ 236)⁷

Grau Zero, a outra face do Neutro

Leda Tenório Motta e Rodrigo Fontanari mostram como o “grau zero da escritura”, noção utilizada por Barthes para referir-se ao tipo de escritura branca colocada em prática na produção literária moderna, pode ser compreendido como a outra face do Neutro. Ambos fazem referência a um modo de enunciar que escapa ao paradigma linguístico binário e racionalista que impera na sociedade burguesa e dizem respeito a um desejo tipicamente barthesiano de isenção do sentido.

Portanto, o Neutro é essa espécie de utopia da linguagem sem marcas ou, ainda, de certo modo, esse gesto suspensivo da linguagem que Jean Pierre-Richard denominou ‘o grau zero da presença’. Podemos mesmo dizer, seguindo Leda Tenório da Motta (2011), que o operador da obra barthesiana é o Neutro, e que já naquele primeiro conceito barthesiano, o “grau zero”, está posto, de saída, as prerrogativas do Neutro. (FONTANARI, p. 280)

Em Roland Barthes por Roland Barthes, fica nítido que ao falar de grau zero e de neutro estamos falando sempre de “um mundo que fosse isento de sentido (como de um serviço militar). Isso começou com o grau zero, onde se sonha a ausência de qualquer signo; em seguida, mil afirmações desse sonho (acerca do texto de vanguarda, do Japão, da música, do alexandrino etc). (BARTHES, 2003, p.100)

⁶Decompor. Admitamos que a tarefa histórica do intelectual (ou escritor) é hoje manter e acentuar a decomposição da consciência burguesa; Significa que alguém voluntariamente finge permanecer dentro dessa consciência burguesa, deve estar ausente dela, e essa exterioridade só é possível em uma situação revolucionária: na China, hoje, a consciência de A classe está em processo de destruição, sem decomposição. (...) (COMMENT, 2002, p.236)

⁷ Para destruir, em suma, você deve ser capaz de pular. Mas onde pular? Em qual idioma? Em que lugar de boa consciência e má fé? Enquanto em decomposição, eu concordo em acompanhar essa decomposição, para me decompor, como e quando: Eu escorrego, aguento e lidero. (COMO, 2002. P / 236)

Em “A concepção do vazio em Roland Barthes”, Rodrigo Fontanari discute como a utopia da linguagem relacionada ao Neutro já estaria vinculada ao Grau zero da escritura, uma vez que ambas as noções colocam o sistema semiótico em colapso graças a um discurso que busca descansar da assertividade, inventando formas de enunciação em que a sociedade conseguiria descansar da univocidade dos signos.

Renomeado Neutro – em sua última versão, sempre grafado em maiúscula – as referências ao “grau zero” são expandidas, passando a abranger mais do que simplesmente as vaguardas do romance francês e do teatro brechtiano do distanciamento critic. Outras figuras e contrafiguras do “Neutro” são colodadas em cena: de um lado, a Fadiga, a Benevolência, o Silêncio, a Delicadeza e, de outro, a Cólera, o Conflito, a Arrogância, a Resposta. Por meio dessas figuras, Barthes busca repropor, sob nova roupagem – como observou a crítica literária brasileira, Leda Tenório da Motta – “aquela mesma entrada em colapso autocrítico da máquina semiótica que é própria das escrituras do grau zero” (FONTANARI, p. 278)

De forma específica, o grau zero da escritura aponta para uma concepção utópica de literatura em que a escritura literária estaria vinculada a um processo histórico em que a consciência burguesa estaria com os dias contados, na iminência revolucionária de uma sociedade por vir em que a literatura seria a vanguarda de uma subjetividade a salvo da legislação da linguagem.

O grau zero da escritura seria, portanto, a forma histórica da literatura que colocaria em cena o esfacelamento da consciência burguesa. Aqui, o Grau zero encontra-se com o Neutro, uma vez que – para expressar a crise da ideologia burguesa – é necessário colocar em prática procedimentos de neutralização que produzem certo esvaziamento do sentido.

Em relação a isso, é possível perceber nas produções literárias referidas por Barthes como representativas da modernidade tardia uma estética do vazio tão bem vinda sob a ótica barthesiana de utopia da linguagem. Nesse sentido, é possível falar sobre o Grau zero da escritura como uma estética da forma vazia, como tão bem demonstraram escritores de vanguarda como Mallarmé e Sollers.

Toda essa incursão barthesiana no universo do signo e sua incessante busca pela sua “forma vazia” acabaram por repercutir sobre sua obra notadamente marcada por uma concepção estética bastante peculiar e pessoal, a qual ele parecia ter intuitido. Poderíamos mesmo dizer que ela já se encontrava rascunhada, em 1953, nas páginas de *O grau zero da escrita*. Essa estética representa a distância e o vazio, uma oscilação que atravessa, de algum modo, toda a sua obra, mas que encontra sua forma mais acabada sob a nomenclatura de Neutro. (FONTANARI, p.280)

A estética da forma vazia é uma forma de escapar à saturação de sentidos produzida pela sociedade ocidental. Essa forma de expressão perpetrada pelo Neutro e pelo Grau zero a linguagem deixa de produzir a alienação do mito, deixa de servir à ocultação da realidade para

revela-la em toda sua força. Nesse processo, a linguagem deixa de operar no plano da conotação para existir em seu grau zero.

Tanto o “grau zero” quanto o Neutro são, de certa maneira, os opostos simétricos do “mito”, já que este último se caracteriza pelo rapto da linguagem que elabora um sentido segundo do signo. Já o “grau zero” e o Neutro buscam formas de colocar em colapso essa construção sónica, levando o signo do Segundo grau, que é a conotação, ao seu “grau zero”, a denotação. (FONTANARI, p. 282)

A moral da forma

Segundo Leda Tenório Motta, “a escritura tal como Barthes a entende não se situa frente ao mundo, mas frente à própria linguagem, e não o faz sem corrompê-la em seu valor de meio de contato e de compreensão”. Essa afirmação quer dizer que Barthes entende a linguagem enquanto forma e é através da alteração das formas de dizer que o autor deseja transformar o mundo.

Em Barthes, a linguagem muda ao passo que se questiona, buscando sempre formas de significação não alienadas. É nesse sentido que se pode falar de uma responsabilidade do escritor perante a forma, uma vez que é só através dela que ele pode realizar a tarefa propositiva de transformar o mundo e romper com modos cristalizados que, desgastados, já não podem dizer.

Ao esboçar as noções de Neutro e Grau zero, Barthes calca formas de expressar diversas, modos de dizer que rompem com o sistema binário e racionalista de uma burguesia em crise no contexto da modernidade tardia.

O tema mais geral é a responsabilidade do escritor por sua “forma”, ou uma “moral da forma”, como escreve, inquietantemente Barthes, partindo da ideia preliminar de um desenlace entre o escritor e o mundo burguês, que o obriga a marcar essa separação, a tomar nota do peso de sua linguagem, a inscrever, enfim, esse dilaceramento no que inscreve. (MOTTA, p.235)

De acordo com Leila Tenório Motta, é flagrante o espelhamento de temas entre *O grau zero da escritura* e *O que é literatura*, de Sartre. É com Sartre que Barthes aprende a conceber a literatura pela história de suas formas, desenvolvendo uma concepção da moral da forma que reside em toda escritura. Nesse sentido, pode-se perceber como o existencialista surge como influência decisiva para o projeto barthesiano de linguagem que articula estética e política.

A responsabilidade, a moral da forma e – principalmente – o domínio social são referências em que os comentadores desse primeiro livro concordam em reconhecer a presença de Sartre. Inegavelmente, é sartriana essa dimensão do engajamento assinalada pela “moral da forma”, bem como essa percepção das formas da arte como históricas e do artista como aquele que não pode não se saber histórico. (MOTTA, p.234/p.235)

Entretanto, faz-se necessário observar que o engajamento político barthesiano é antissocial em relação ao engajamento sartriano, na medida em que não vai ao encontro da sociedade, escapando e desativando aquilo que poderia alcançá-la.

Nesse sentido, o Neutro e o Grau Zero da escritura podem ser concebidos como noções barthesianas que operam um afastamento da sociabilidade burguesa, perpetrando o vazio vivenciado por subjetividades que – ao depararem-se com sentidos esvaziados – precisam reconstruir o mundo ao redor:

Basta porém nos aprofundarmos nos meandros de *O grau zero da escritura* para que diferenças notáveis, que já imprimem a marca barthesiana, nos saltem à vista, permitindo-nos ainda dizer que tudo une e separa Barthes de Sartre. De fato, se é verdade que essa estremeceadora é movida pela mesma paixão do engajamento, note-se que o engajamento barthesiano é, muito paradoxalmente, antisocial. Já que a sociedade que Barthes tem em vista não é aquela sobre a qual a escritura deve incidir, mas aquela que a escritura deve repudiar completamente, não mais atuando sobre ela, mas antes, desativando aquilo mesmo que permitiria alcançá-la: a comunicação entre o escritor e o leitor, mesmo ideal. Escrever, nesta acepção, é quebrar todo o circuito social da obra. (MOTTA, p. 236)

Tendo isso em vista, é possível compreender em que medida a concepção de moral da forma tem relação com um projeto de transformação do mundo pela linguagem. O ponto de vista barthesiano de que a escritura corresponde a uma forma e de que há uma história das formas que deve ser considerada quando se fala da linguagem vem do marxismo.

Uma partilha do sensível

Ao transformar a linguagem a partir do Neutro e do Grau zero, Barthes calca uma nova forma de experiência do sensível através de outras formas de enunciar. Nesse sentido, é possível dizer que o Neutro e o Grau zero calcam uma nova forma de partilha do sensível que tem na moral da forma sua razão, buscando uma enunciação do charme e a da delicadeza através de “atos estéticos como configurações da experiência, que ensejam novos modos do sentir e induzem novas formas de subjetividade política” (RANCIÈRE, 2005, p.11).

Como partilha do sensível, entende-se a definição dada por Rancière:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela , ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares de partes respectivas. (...) Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (RANCIÈRE, 2005, p.15)

Tendo isso em vista, a revisão bibliográfica de Roland Barthes realizada no presente artigo aponta para a compreensão de um tipo de partilha do sensível calcada na relação de convergência entre grau zero da escritura e neutro barthesiano, na acepção de Rancière.

Pelo termo de constituição estética deve-se entender aqui a partilha do sensível que dá forma à comunidade. Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas. (RANCIÈRE, 2005, p.7)

Finalmente, pode-se dizer que o Neutro e o Grau zero calcam novas subjetividades que enunciam a construção de um novo mundo livre da alienação histórica perpetrada pela burguesia na modernidade tardia. Nesse sentido, a utopia da linguagem de Barthes enseja uma nova forma de agir perante o mundo e, justamente por isso, a constituição de um novo mundo através de uma partilha do sensível pautada pelo Neutro.

Dessa forma – embora separadas por considerável intervalo de tempo – as noções barthesianas aqui referidas apontam para um tipo de partilha do sensível que concebe o fazer literário como utopia de linguagem livre da estrutura linguística paradigmática e cristalizada da *doxa*. Assim, ao ter a literatura como ideal de toda linguagem, Barthes também está propondo uma partilha do comum, uma sociedade que queremos.

Embora o desenvolvimento histórico da consciência burguesa seja responsável pela alienação, o dilaceramento enunciativo da consciência é capaz de instituir uma nova possibilidade de escritura, a escritura branca, calcada por uma enunciação sem voz que será responsável pela democratização referida por Rancière em *Políticas da Escrita e A partilha do sensível*.

Talvez por isso seja possível compreender a escritura de grau zero como aquela capaz de fundar outra divisão do sensível. Tal divisão do sensível coloca a referência do enunciado e a identidade do enunciador em uma condição de indeterminação que permite uma democratização da palavra; determinação possibilitada pelo advento da escritura:

O que está em jogo nesses textos é uma cumplicidade mais essencial entre um modo do discurso e um modo da comunidade, entre literalidade e democracia. Há democracia – e política, conseqüentemente – porque há palavras sobrando, palavras sem referente e enunciados sem país que desfazem qualquer lei de correspondência entre a ordem das palavras e as coisas. A deserção democrática da incorporação comunitária é solidária da deserção literária da encarnação. (RANCIÈRE, 1955, p.15)

Desse modo, a literatura como possibilidade de realização da utopia da linguagem surge como destino a ser alcançado por toda e qualquer linguagem que tenha o compromisso de livrar-se das relações de poder perpetradas pelo logofonocentrismo que vincula toda enunciação a um pai, a uma voz cuja autoridade sobre o que é dito se coloca como máxima.

A escrita está liberta do ato de palavra que dá a um logos sua legitimidade (...) É por isso, também, que ela é falante demais: a letra morta vai rolar de um lado para o outro sem saber a quem se destina, a quem deve, ou não, falar. Qualquer um pode então, apoderar-se dela, dar a ela uma voz que não é mais dela, construir com ela uma outra cena de fala, determinando uma outra divisão do sensível. Há escrita quando palavras e frases são postas em disponibilidade, à disposição, quando a referência do enunciado e a identidade do enunciador caem na indeterminação ao mesmo tempo. (RANCIÈRE, 1955, p.8)

Nesse sentido, a linguagem somente conseguiria realizar-se enquanto liberdade pelo preço do impossível e, ainda assim, por um breve instante; momento em que a escritura branca

romperia com o mecanismo assertivo e paradigmático que caracteriza o fascismo da língua, nascendo o devir da escrita neutra ou sem pai.

A deserção democrática da incorporação comunitária é solidária da deserção literária da encarnação. Literatura e democracia são dois modos de invenção quase corpos ou de incorpóreos cujo dispositivo fragiliza as encarnações e as identificações que ligam uma ordem do discurso a uma ordem das condições. Essa comunidade estética da separação é uma comunidade política da deslegitimação. (RANCIÈRE, p.15)

Finalmente, é neste sentido que se pode dizer que a expressão artística é responsável por calcar e dar vida a outra comunidade do sensível:

A arte antecipa o trabalho porque ela realiza o princípio dele: a transformação da matéria sensível em apresentação a si da comunidade. Os textos do jovem Marx que conferem ao trabalho o estatuto de essência genérica do homem só são possíveis sobre a base do programa estético do idealismo alemão: a arte como transformação do pensamento em experiência sensível de comunidade. (RANCIÈRE, p.67)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. Aula. 14.ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007

_____. O grau zero da escritura. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2ed. São Paulo: Cultrix, 1986

_____. O neutro. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003

_____. O prazer do texto. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013

BELLOCHIO, C.M. Uma visão sutil do mundo: Escritura, Enunciação e Variação em Roland Barthes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

Brandini, L.T. (Org.) ; BARBOSA, M. V. (Org.) ; PINO, C. C. A. (Org.) . Roland Barthes Plural. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2017. v. 1. 301p .

MOTTA, L. T. Roland Barthes e seus primeiros toques de delicadeza minimalista. Alea: Estudos Neolatinos (Impresso), v. 12, p. 233-247, 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Com Roland Barthes. São Paulo: Martins Fontes, 2012

PINO, C. C. A.. Gênese de uma crítica mágica. Manuscrita (São Paulo), v. 1, p. 116-126, 2016.

RANCIÈRE, J. Políticas da Escrita. Editora 34, Rio de Janeiro RJ, 1995.

FONTANARI, Rodrigo. A concepção de vazio em Roland Barthes. ALEA: ESTUDOS NEOLATINOS (IMPRESSO), v. 20, p. 37-53, 2018.

_____. Do Neutro ao Punctum - em busca do grau zero do olhar. Revista Linguagem & Ensino (Online), v. 17, p. 277-294, 2014.